

# TESTEMUNHO DA INTERVENÇÃO

## SESSÃO DE ABERTURA



### José Carlos Caldeira

*“Sobretudo em economias como a nossa, a colaboração e partilha de riscos e resultados assume um papel fundamental. Tudo o que tem a ver com processo de inovação aberta, em que colaboramos e partilhámos riscos e resultados, tem também a ver com fluxos de conhecimento e, cada vez mais importante, com os fluxos de pessoas.”*

“Bom dia a todos. Antes de mais, muito obrigado pelo convite.

A Agência Nacional de Inovação ser convidada para fazer a abertura de um evento desta natureza, um evento empresarial sobre internacionalização é, sem dúvida, bom sinal destes novos tempos.

Vou tentar ser rápido e sucinto, transmitindo alguma informação e destacando a internacionalização da inovação. Existem algumas tendências que a condicionam e que se prendem pela mudança do conceito de setores, para uma abordagem mais integrada da cadeia de valor, que têm implicações diretas.

Primeiro, a questão da integração e da globalização. Temos cada vez mais, de colaborar com outras empresas e outras entidades de setores diferentes, para conseguir cobrir cadeias de valor, que são cada vez mais integradas e com problemas mais complexos.

Depois e por outro lado, a outra tendência que acaba por ser uma preocupação crescente é a de cobrir o ciclo de inovação. Este foi um tema já mencionado pelo Comissário Carlos Moedas, que referiu a necessidade crescente em fazer investimentos na ciência e na produção de conhecimento, mas, não menos importante, na necessidade de se levar os resultados dos investimentos aos mercados, sob a forma de produtos e serviços de formação avançada.

Podemos efetivamente ter impacto económico e social com estas alterações. Até então, tínhamos uma abordagem que se prendia em fazermos investigação isoladas. Dizia-se até, que a investigação era transformar dinheiro em conhecimento, e depois a inovação era transformar conhecimento em dinheiro, novamente. Eram sempre tratados como se fossem dois processos mais ou menos separados.

A evolução atual e a velocidade de todos estes processos fazem com que eles tenham que ser tratados, cada vez mais, de forma integrada. Fazem-nos olhar como um ciclo e garantir algumas questões fundamentais. Por exemplo, temos consórcios completos, não só para fazer investigação, mas depois para levar os resultados da investigação ao mercado, juntando entidades promotoras, empresas e utilizadores de tecnologias para poder demonstrar, testar e validar esses resultados.



SESSÃO DE ABERTURA  
José Ribau Esteves



SESSÃO DE ABERTURA  
Fernando Castro



SESSÃO DE ABERTURA  
José Carlos Caldeira



I PAINEL  
Os Novos Desafios para  
a Internacionalização  
António Silva



I PAINEL  
As oportunidades de  
negócio no mercado  
da Alemanha  
Simeon Ries



I PAINEL  
As oportunidades de  
negócio no mercado  
dos E.U.A.  
Graça Didier

# TESTEMUNHO DA INTERVENÇÃO

## SESSÃO DE ABERTURA

José Carlos Caldeira

Esta noção de consórcio completo, prende-se com o tema que abordarei a seguir, a integração de financiamentos e com a necessidade de abordar a questão do financiamento para o ciclo de inovação como um todo e não para cada uma das suas fatias. Temos muitos exemplos de planos e projetos de investigação e desenvolvimento, que conseguiram resultados muito interessantes, mas ainda assim nunca viram a luz do dia, porque os respetivos promotores não tinham os meios financeiros para levar os resultados até ao mercado.

Em muitas destas áreas, levar os projetos para os mercados, normalmente, é muito mais caro do que fazer a investigação. Pode requerer, em determinadas áreas, 10 vezes mais dinheiro do que fazer a investigação. Devemos assegurar que temos o financiamento para cobrir o ciclo de inovação.

Sobretudo em economias como a nossa, a colaboração e partilha de riscos e resultados assume um papel fundamental. Tudo o que tem a ver com processo de inovação aberta, em que colaboramos e partilhamos riscos e resultados, tem também a ver com fluxo de conhecimento e, cada vez mais importante, com fluxos de pessoas.

A melhor forma de fazer transferência de tecnologias não é passar patentes nem relatórios. Claro que isso é importante, mas a melhor forma é passar pessoas. Se tivermos a oportunidade, devemos fomentar o fluxo de pessoas, quer no sistema de ciência para as empresas e vice-versa. Naturalmente que assim os processos de transferência de conhecimento serão mais sólidos.

Muito importante também, para a questão da internacionalização, é perceber que precisamos de ter a capacidade de fazer abordagens multinível, ou seja, perceber que alguns dos problemas e desafios, conseguimos resolver no nosso ecossistema, mas que outros teremos que olhar numa dimensão nacional e ainda noutros, numa dimensão internacional. É importante ser capaz de trabalhar em todos esses patamares, de forma consolidada.

Os clusters terão um papel fundamental neste domínio. Não têm que ser forçosamente no sentido de clusters, mas no sentido dos processos da clusterização e agregação de parceiros e entidades, em torno de desafios comuns. Estas são algumas das tendências e são tendências internacionais.

Destaco dois aspetos aos quais gostaria de chamar a vossa atenção. Por um lado, a necessidade de desenvolver, de forma colaborativa, a agenda e roadmap; através de estratégias que podem ser em torno de um setor empresarial, de uma região, clusters, fileiras ou da própria empresa. Devemos ter a capacidade de pensar em estratégias de colaboração e de trabalhá-la a nível nacional e internacional, no que tem a ver, por exemplo, com tecnologia nas plataformas europeias ou nas parcerias público-privadas para a inovação europeia.

Existem ainda outros processos colaborativos importantes, que gostaria de evidenciar, que são a ligação entre grandes empresas e PME, mas também, a ligação entre setores maduros e emergentes.

Aveiro é uma região onde isso acontece. Tenho ouvido a discussão em torno do que se deve apostar: num setor maduro ou num emergente? Acredito que se deve apostar nos dois, sobretudo de forma integrada.

Por vezes, esquecemo-nos que os principais clientes dos setores emergentes são, muitas vezes, os setores tradicionais. Por isso, se conseguirmos fazer projetos e estratégias que os façam colaborar, falaremos de uma solução que será uma mais-valia e fundamental. Podemos também equacionar as parcerias e colaboração entre as dimensões pública e privada.



I PAINEL  
As oportunidades de  
negócio no mercado  
da França  
Géraldine Dussaubat



I PAINEL  
Testemunho do  
Empresário  
Jorge Santiago



II PAINEL  
A Economia Portuguesa:  
Passado e Futuro  
Rui Rio



II PAINEL  
Fernando Alfaiate



II PAINEL  
Jorge Marques dos  
Santos



II PAINEL  
Jorge Portugal



SESSÃO DE  
ENCERRAMENTO  
Fernando Castro



SESSÃO DE  
ENCERRAMENTO  
José Ribau Esteves



SESSÃO DE  
ENCERRAMENTO  
Eurico Brilhante Dias



CONCLUSÕES

# TESTEMUNHO DA INTERVENÇÃO

## SESSÃO DE ABERTURA

José Carlos Caldeira

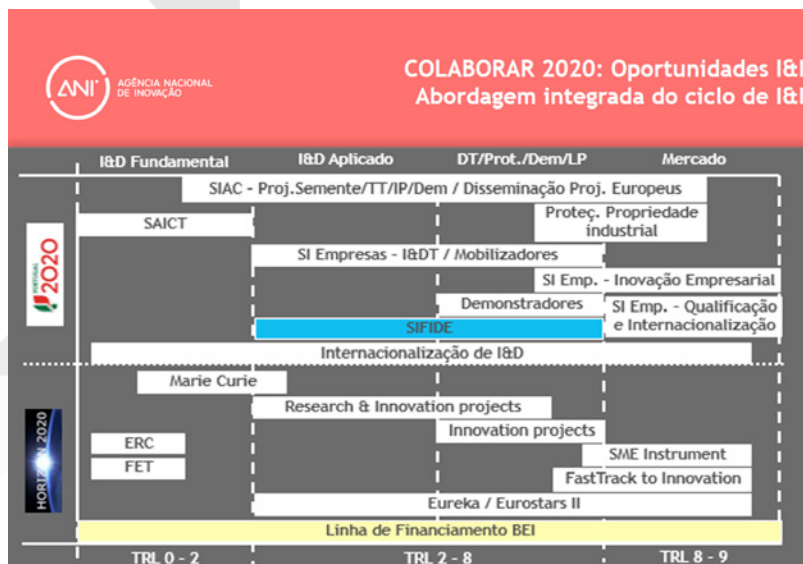
A segunda questão, que gostava de abordar, tem a ver com o financiamento e tendo a ANI um papel importante nessa matéria, não queria deixar de chamar a atenção para essa questão. De facto, a internacionalização tem relevância para ajudar a resolver esta questão.

Neste momento, o desenvolvimento tecnológico acelerou de tal forma a multiplicidade de fontes de geração de conhecimento, que faz com que o tempo de vida do conhecimento seja também cada vez mais curto. E este é um problema típico para as empresas.

Encontramos aqui um problema de retorno de investimento. Na área da inovação estamos a viver um problema semelhante. E como podemos resolver isso? Colaborando, partilhando riscos e resultados e acima de tudo, tirando partido das várias fontes de financiamento disponíveis para ajudar a financiar esses projetos.

Isto não é um desafio de Portugal, é um desafio de toda a União Europeia. Por isso é que vemos os esforços da U.E., no sentido de criar sinergias entre fundos nacionais e fundos estruturais, conseguindo assim cobrir o ciclo de internacionalização.

Há três anos a Agência desenvolveu este slide para mostrar a empresas e a outras entidades, o conjunto de instrumentos existentes a nível nacional e europeu para a área da inovação. Este esquema sintetiza informações e instrumentos financeiros e fiscais, desde a investigação a montante até ao acesso ao mercado.



COLABORAR 2020 - esquema desenvolvido pela ANI

Mesmo na vertente da internacionalização da inovação, Portugal tem conseguido no Horizonte 2020 uma participação crescente e neste momento, deixamos de ser contribuintes líquidos para passarmos a ser beneficiários. Tudo isto, num programa mais competitivo do que no quadro anterior.

Queria destacar o desempenho das empresas, porque se numa fase inicial esta mudança foi assegurada pelas entidades do sistema científico-tecnológico, mais recentemente, são as empresas que têm aumentado a sua participação.

# TESTEMUNHO DA INTERVENÇÃO

## SESSÃO DE ABERTURA

**José Carlos Caldeira**

Dizer-vos apenas que em relação ao quadro anterior, o desempenho tem sido notável. Só em candidaturas, apenas nestes dois anos e meio, já recebemos 90% das candidaturas que recebemos no QREN todo. E de investimento proposto, já vamos em 110%. De referir ainda, que este desempenho acontece quer por centros científicos, quer por empresas, sendo que 40% do setor empresarial se trata de novas empresas.

Finalmente, alguns desafios e oportunidades.

Temos que continuar esta mobilização do investimento privado em I&D, temos que garantir a dinamização do emprego qualificado e científico, bem como a capacitação das organizações.

Devemos fomentar o acesso ao conhecimento e contribuir para a definição e implementação das agendas de I&D. Como grande oportunidade, temos ainda a internacionalização do Sistema de I&D.”